**EIXO TEMÁTICO: BIOTECNOLOGIA, INOVAÇÃO E SAÚDE**

**SAÚDE EM TEMPOS DE EPIDEMIA/PANDEMIA: REVISÃO DE LITERATURA.**

Rebeca DUAILIBE1, Cilmara PERROTTI2, Edilaine SOARES3

1 Graduanda do curso de odontologia,Cesmac; 2 Graduanda em odontologia, Cesmac; 3 Professora do curso de odontologia, Cesmac.

beuduailibe@hotmail.com

**RESUMO:**

Entende-se por epidemia a ocorrência de uma determinada doença em várias localizações geográficas, já pandemia diz respeito à disseminação mundial de uma patologia. Ao longo da história, a humanidade já foi assolada por diversas dessas situações, tendo sempre em comum o medo, a crise e a interferência na saúde das pessoas. Sabe-se que, é necessária a tomada de medidas para amenizar a transmissão do agente etiológico, assim como a diminuição dos sintomas. Entretanto, ao realiza-las, os cuidados estão voltados para a ausência de enfermidade, conceito esse desmentido pela OMS, a qual afirma que o verdadeiro significado de doença engloba um número maior de fatores que, juntos contribuem para um total bem estar do indivíduo. Nesse aspecto, é bem-vinda a reflexão crítica, construtiva, se em tempos de pandemia, as estratégias adotadas, não interferem diretamente no estado de saúde das pessoas. Dessa forma, objetivo do presente estudo é sistematizar conhecimentos, sobre possíveis implicações e repercussões sócio, cultural, político e econômica, nas principais pandemias/ epidemias entre os séculos XX e XXI que assolaram o mundo, assim como se as estratégias adotadas para enfrentamento da doença, contemplam o conceito ampliado de saúde. Para isso foi realizada uma revisão de literatura conduzida por meio de consultas à base de dados e portais de pesquisas (PubMed, BIREME, Scielo, Scientific, Google Scholar, e busca manual) no período de maio a dezembro de 2020, utilizando como estratégia de busca a inserção de DeCs (Descritores e Ciências da saúde) e termos livres como atenção á saúde, pandemia, epidemia. Verificou-se que as principais pandemias/epidemias entre o século XX e XXI que assolaram o mundo estão; a Gripe Espanhola, Cólera, Tuberculose, AIDS, Zika Vírus e Corona vírus. E que independente do século, evolução tecnológica, desenvolvimento econômico, todas as epidemias/ pandemias tiveram impactos sociais, culturais, econômicos e políticos. Além disso, todas as estratégias adotadas tiveram como foco principal o combate ao agente etiológico. Foi observado o impacto na saúde mental da população, especialmente na HIV, ZIKA VÍRUS e COVID-19 que vieram acompanhadas por temor e preconceitos, associado ao descaso da saúde pública. Conclui-se que, mesmo com suas diferenças biológicas, sociais, temporais e geográficas, as epidemias/ pandemias costumam resguardar alguns pontos em comum, como o caos social, descaso com a saúde pública, mudanças de comportamento e disseminação de informações falsas. Além disso, o foco de combate fica voltado ao controle agente etiológico, tornando nítido que o antigo conceito de saúde ainda está enraizado de maneira global e precisa ser desconstruído para dar lugar ao conjunto proposto pela OMS, com o intuito de garantir uma melhor qualidade de vida à população em tempos considerados normais e em tempos de pandemias/ epidemias.

**Palavras-chave:** Pandemias. Epidemias. Atenção à saúde.

**INTRODUÇÃO**

A saúde é uma das mais relevantes discussões do setor sócio-político-econômico ao longo da história, sendo considerada também, como uma importante dimensão para qualidade de vida (PAIM, 2011). No entanto, de difícil conceituação e entendimento, uma vez que a maioria dos autores, ainda que considerem uma forte influência do contexto social e econômico no processo saúde e doença, conceitua a saúde pelo seu atributo negativo de ausência de doença (FREITAS et al. 2010).

Entende-se por epidemia a ocorrência de uma determinada enfermidade em várias localizações geográficas, já pandemia diz respeito à disseminação mundial de uma patologia. Ao longo da história, a humanidade já foi assolada por diversas dessas situações, fazendo-se necessária a tomada de medidas para amenizar a transmissão do agente etiológico, assim como diminuição dos sintomas. Entretanto, ao realiza-las, os cuidados estão voltados para a ausência de afecção, conceito esse desmentido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a qual afirma que o verdadeiro significado de saúde engloba um número maior de fatores que, juntos, contribuem para um total bem estar do indivíduo, conceituando saúde como o “estado de completo bem-estar físico, mental e social” e não apenas a ausência de doença (PAIM, 2011).

 Contudo, apesar de bastante reconhecida à historicidade, mudanças ocorridas no conceito de saúde ao longo do tempo e os esforços do mundo científico e social para sua efetivação, é perceptível, que em tempos “normais” grande parte dessa perspectiva está se sustentando apenas no plano retórico e ideológico. Visto que, tanto as políticas e ações, quanto às pesquisas no campo da saúde têm-se pautado, predominantemente, pelo conceito de doença (ALMEIDA, 2020). Somado a isso, ao longo da história das epidemias/pandemias que atingiram maiores proporções, é possível relatar uma série de eventos que atingiram de forma negativa a saúde humana, os quais vão desde o comportamento social, até os requisitos básicos para garantia da saúde da humanidade (SENHORAS, 2020).

Nessa perspectiva, é bem-vinda a reflexão crítica, construtiva, se em tempos de epidemia/pandemia, as estratégias adotadas para combater o agente etiológico, não interferem diretamente no estado de saúde das pessoas. Dessa forma, objetivo do presente estudo é sistematizar conhecimentos, sobre possíveis implicações e repercussões sociocultural, política e econômica, das principais pandemias/ epidemias entre os séculos XX e XXI que assolaram o mundo.

**MATERIAIS E MÉTODO**

 Esse estudo foi conduzido por meio de consultas à base de dados e portais de pesquisas (PubMed, BIREME, Scielo, Scientific, Google Scholar, e busca manual) no período de maio a dezembro de 2020. Foram utilizadas como estratégia de busca a inserção de DeCs (Descritores e Ciências da saúde) e termos livres como atenção á saúde, pandemia, covid-19, coronavírus, e epidemias. Foram encontrados 85 trabalhos publicados com temas afins. Entretanto, apenas 29 publicações foram selecionadas, dentre elas 10 artigos, 17 revistas e 2 jornais, por serem mais relevantes, recentes e contemplarem mais o tema abordado, compreendendo o período de publicação entre 1997 e 2020.

**Resultados e discussão**

Analisando os trabalhos selecionados por meio da revisão de literatura realizada nas bases de dados PubMed e SciELO, (PubMed, BIREME, Scielo, Scientific, Google Scholar, e busca manual), Verificou-se que as principais pandemias/epidemias entre o século XX e XXI estão a Gripe Espanhola, Cólera, Tuberculose, AIDS, Zika Vírus e Corona vírus. Percebeu-se que, independente do século, evolução tecnológica, desenvolvimento econômico, as epidemias/pandemias apresentaram impactos sociais, culturais, econômicos, políticos e refletem o descaso com a saúde pública. Notou-se que, nas estratégias adotadas, o foco principal dos gestores e líderes políticos fica voltado ao combate do agente etiológico, sem levar em consideração outros indicadores que condicionam o real estado de saúde do indivíduo. Além disso, foi observado impacto na saúde mental da população, especialmente na HIV, ZIKA VÍRUS, COVID-19 que vieram acompanhadas por temor e preconceitos.

Logo no início do século XX, o continente se surpreendeu com a gripe espanhola, tida como a maior pandemia do século. Há relatos que o vírus tenha contaminado um terço da população mundial, sendo considerada pelo menos quatro vezes mais letal do que a própria primeira guerra mundial (BRITO, 1997). Acredita-se que, a alta taxa de mortalidade e morbidade tenha relação com o sistema de saúde da época, o qual se apresentava deficiente em termos preventivos, epidemiológicos e sanitários, ocasionando diversos conflitos políticos e sociais (GOULART, 2005). No referente às consequências da gripe espanhola, no que diz respeito ao contexto socioeconômico, não se sabe ao exato o impacto negativo nos níveis de atividade econômica, emprego e renda que a gripe trouxe ao mundo, pois a economia do tempo já tinha sido vilipendiada pela guerra, no período inicial à pandemia, o que faz com que não se tenha informações concretas sobre os transtornos econômicos e sociais das duas crises (BRITO, 1997). Em termos de saúde mental, a sociedade era agredida pelo medo, falta de informação, discursos imprecisos e duvidosos sobre o problema que ameaçava, sendo forçada a esconder suas emoções, pois via nas medidas sanitárias um pretexto para a revitalização daquelas consideradas coercitivas (SOUZA, 2008). Diversos tipos de diagnósticos refletia a fragmentação da classe médica, sendo ainda mais agravada por total despreparo tecnológico da medicina da época, o que dificultava a identificação do agente específico da doença (GOULART, 2005).

Mais adiante, outra epidemia que se alastrou devido à ausência de hábitos de higiene, foi à cólera, que tomou maiores proporções em 1991 deixando a população em pânico (FILHO, 2004). Câmara, (2020), relata que o terror da população da era pré-industrial, foi consequência da rápida evolução e desconfiguração dos portadores da doença, devido à intensa desidratação, o que modificava bastante a fisionomia do sujeito. A cólera atingiu principalmente a população mais pobre, moradora de periferias, que vivia em condições sub-humanas. O que refletia a necessidade de se trabalhar determinantes sociais voltados a atenção sanitária e ambiental. Entretanto, era comum ouvir alegações de autoridades políticas e epidemiológicas de que a sua disseminação devia-se a não observância, por parte da população, dos hábitos básicos de higiene, atribuindo a responsabilidade aos próprios habitantes da região pela qual a doença infectava (FILHO, 2004). É verdade, que o hábito de higiene não está diretamente relacionado com a condição econômica, mas a transmissão das doenças depende dos elementos sanitários precários, como também das diferenças existentes entre os estados com relação a vários fatores que podem influir na disseminação e morte, como a eficiência dos serviços de vigilância epidemiológica, diagnóstico e tratamento de casos, aceitação e adoção do critério clínico epidemiológico (GEROLOMO E PENNA, 2000).

A tuberculose, também fez parte das pandemias do século XX, voltando ser comentada pelos historiadores nas duas primeiras décadas do século, período em que houve uma intensificação da mazela, causada pela crescente urbanização, em decorrência do avanço capitalista da era industrial, o que requeria mão de obra barata, a qual se instalava em moradias insalubres nas periferias, introduzindo elementos ditos de agravamento da doença como a desorganização urbano-social, má distribuição de renda e a “pobreza” (SILVA et al. 2014). As estratégias de controle da doença estavam voltadas incialmente à destruição dos cortiços e recuperação da zona urbana da cidade, pois os indivíduos que ali habitavam eram vistos como propagadores de sujeira e perigo social (GONÇALVES, 2000). Não havia interesse e nem estímulos financeiros para indústrias farmacêuticas, pois a tuberculose atingia, em maioria, a população de baixa renda, sendo denominada “a praga dos pobres” (MACIEL et al. 2012). Somente com o alastramento da doença, e quando alcançou classes sociais mais relevantes, o governo passou a implantar meios de prevenção, cura e profilaxia para tuberculose (GONÇALVES, 2000). O que trouxe uma ligação mais forte aos determinantes sociais da saúde, fazendo com que fossem acionadas representações sociais ligando doença, pobreza e desinformação (NETTO E SOUZA, 1999). A tuberculose teve influência cultural, visto que o Brasil passava pelo romantismo na literatura e o medo desse mal era tão constante, que até foi romantizado pelos escritores brasileiros de maneira pessimista e melancólica em suas obras, o que correspondia às concepções de fascínios, frustrações amorosas, levando a uma decadência física, em consequência da febre das paixões excessivas e do tipo de vida (GONÇALVES, 2000).

Ainda no século XX, a AIDS, teve um diferencial das outras epidemias até então vistas, por envolver particularidades das relações humanas: sexo, morte e preconceito, trazendo consigo rompimentos com paradigmas e discussão sobre temas considerados complexos, como sexualidade, morte, uso de drogas ilícitas, bem como a necessidade de envolver a sociedade civil, ampliando o acesso à informação (BRITO, 2001). A trajetória da patologia foi marcada por financiamentos, empréstimos e investimentos em pesquisa e indústrias farmacêuticas. De modo que, houve execução de atividades de prevenção e dois anos depois da descoberta da doença (1985), já havia testes disponíveis para o diagnóstico sorológico, o que posteriormente se expandiu para serem utilizados para a triagem. A descoberta do efeito benéfico, apesar de fugaz, da zidovudina contra o HIV, e de outros agentes antirretrovirais, iniciava uma nova era para o controle da epidemia, trazendo alento para milhões de pessoas infectadas pelos HIV (WEISS, 2003). Entretanto, essa vitória científica, inicialmente, ficou restrita aos países centrais industrializados, o trazendo a tona a necessidade de discutir eticamente o acesso ao fármaco, para todas as pessoas que dele necessitem (GRECO, 2008). Sendo disponibilizada de forma universal, no Brasil, após a incorporação desses antirretrovirais ao Sistema único de Saúde (SUS), levando a alterações radicais nos quadros clínicos e epidemiológicos, o que resultou na redução da mortalidade e no aumento da expectativa de vida dos portadores da doença (GRECO, 2008). Contudo, o SUS ainda tinha o desafio de encontrar formas claras e acessíveis de conscientização, visando quebrar o preconceito e a discriminação com as pessoas que conviviam com a doença e, apenas o tratamento sistêmico, não apagaria tal fato (AGOSTINI et al. 2020).

Já no século XXI, duas patologias gravíssimas deixaram mudo em estado de choque: a epidemia do Zika vírus e a pandemia do COVID-19. O Zika vírus alarmou os países por sua forte relação com o aumento de casos de crianças com microcefalia e outras alterações fetais. No início, os médicos notaram um aumento de casos de microcefalia, após estudos epidemiológicos e científicos, foi descoberta a correlação entre a anomalia e as infecções pelo zika vírus. Logo, devido ao número crescente de ocorrências, foi decretado estado de emergência em saúde pública nacional e, posteriormente, declarada de interesse internacional pela OMS, tornando necessários estudos de maiores proporções para entender devidamente a situação (ALBUQUERQUE E MARTELLI, 2018). Essa patologia tomou dimensões tão grandes que no inicio de 2016 já existiam mais 10 mil casos no Brasil. Acompanhado por um aglomerado de casos de microcefalia detectados inicialmente no nordeste brasileiro o que gerou intensa comoção social em curto espaço de tempo (ALBUQUERQUE E MARTELLI, 2018). Isso refletia o descaso da saúde pública com a saúde reprodutiva da mulher, com o desenvolvimento neurológico, cognitivo e motor dos bebês, associado ao desconhecimento sobre a causa, fatores de risco, além do potencial de expansão nacional e internacional dessa epidemia (DEVAKUMAR et al. 2018), isso levou o Ministério da Saúde a intervir por meio da campanha de combate aos focos do mosquito Aedes aegypti, intensificando hábitos de limpeza na população, e obrigando os serviços públicos a realizarem campanhas informativas para gestantes e mulheres em idade fértil (NELVO, 2016).

Já o covid-19, se caracterizou pela rápida ascensão dos casos alterando drasticamente a vida das pessoas e interferindo em aspectos econômicos públicos e privados, na agricultura e no comércio. O temor causado pelo novo vírus levou a um aumento nas taxas de suicídio e nos transtornos mentais (XIONG et al. 2020). Além disso, perceberam-se preocupações com informações duvidosas ou falsas relacionadas à transmissão, o número de infectados e a taxa de mortalidade. A situação de medo se agravou devido as medidas insuficientes de controle, como o isolamento e o distanciamento social, aumento do valor e restrição da quantidade de suprimentos e falta de mecanismos terapêuticos eficazes (ORNELL et al. 2020). Nessa conjuntura, tende ainda a aumentar o estigma social e os comportamentos discriminatórios que se intensificaram contra alguns grupos específicos, como é o caso dos chineses, população primeiramente afetada pelo novo coronavírus, bem como os idosos, pois é nessa faixa etária que tem ocorrido o maior número de óbitos em decorrência da COVID-19 (ORNELL et al. 2020).

Um fator relevante foi a atuação da mídia frente às duas patologias, ocorrendo circulação de desinformações em tempo real, associada à intensa cobertura jornalística nacional e internacional que refletia o pânico das epidemias/ pandemias em uma era de intensa interconectividade (ALBUQUERQUE E MARTELLI, 2018). Enquanto no ZIKA VIRUS, fotos dos bebês com malformações congênitas e de suas jovens mães circulavam, comovendo e amedrontando o mundo, caixões e depoimentos de familiares que perderam seus entes queridos foram bastante expostos pela mídia na pandemia do covid-19, promovendo mais pânico numa sociedade que já se encontrava fragilizado pelo tão desconhecido vírus (AQUINO, 2019).

**CONCLUSÕES**

Observa-se que, mesmo com suas diferenças biológicas, sociais, temporais e geográficas, as epidemias/ pandemias costumam resguardar alguns pontos em comum, como o caos social, descaso com a saúde pública, mudanças de comportamento e disseminação de informações falsas. Além disso, o foco de combate fica voltado ao controle agente etiológico, o que leva os gestores a esquecer, que existem outras patologias que assolam a população e a ascensão dos casos do novo agente etiológico das epidemias/pandemias não exclui os riscos e cuidados que devem ser tomados com as demais doenças e nem a importância de se trabalhar os determinantes sociais da saúde. Assim, é notório que o antigo conceito de saúde ainda está enraizado de maneira global e precisa ser desconstruído para dar lugar ao conjunto proposto pela OMS, com o intuito de garantir uma melhor qualidade de vida à população, em tempos considerados normais e em tempos de pandemias/ epidemias.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGOSTINI, R. et al. **A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise.** 2020.

ALBUQUERQUE, M. F. P.; MARTELLI, C. M. T. **Epidemia de microcefalia y vírus zika: la construccion del conocimento em epidemiologia.** 2018.

ALMEIDA, J. **Epidemia do zika vírus no Brasil em 2015: um retrato da desigualdade social.** 2020.

AQUINO, D. F. BUFFON, P. B. S. **Elementos históricos da zika no Brasil**. 2019

BARREIRA, D. GRANGEIRO, A. **A avaliação das estratégias para controle da tuberculose no Brasil.** 2007

BRITO, A. M. SZWARCWALD, C. L. CASTILHO, E. A. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical,** vol.34, n.2, Uberaba mar./apr. 2001.

BRITO, A. N. de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. **História, ciências e saúde** – Manguinhos, v.4, n.1, p.11-30, mar.-jun. 1997.

CÂMARA, F. P. A Pandemia esquecida. A cólera no Brasil. **Psychiatry on line Brasil.** vol. 25 n. 9. Setembro de 2020

DEVAKUMAR, D. et al. Infectius causes of microcephaly: epidemiology, pathogenesis, diagnosis, and management. **The** **Lancet infectious Diseases.** 2018;18:e1-13.

FILHO, C. B. **Cólera: um retrato permanente.** Manguinhos. vol.11, n.3, Rio de Janeiro sept./dec. 2004

FREITAS, C. M. SOBRAL, A. **Modelo de organização para indicadores para operacionalização dos determinantes socioambientais da saúde.** 2010

GEROLOMO, M. PENNA, M. L. F. Os primeiros cinco anos da sétima pandemia de cólera no Brasil. **Informe Epidemiológico do SUS**, Brasília, v.8, n.3, p. 49-58, Sept. 1999

GONÇALVES, H. A tuberculose ao longo dos tempos. **História, Ciência, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 305-327, Oct. 2000

GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciência, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 12, n.1, jan./apr. 2005

GRECO, D. B. A epidemia da Aids: impacto social, científico, econômico e perspectivas. **Estudos avançados.** vol. 22, n. 64, São Paulo Dec. 2008

MACIEL, M. S. et al **The history of tuberculosis in Brazil: the many shades (gray) of the misery**, 2012

MELO, A. MAKSUD, I. AGOSTINI, R. **Cuidado, HIV/AIDS e atenção primária no Brasil: Desafio para a atenção no Sistema único de saúde**, 2018

MENDES, A. G.et al. **Enfrentando uma nova realidade a partir da síndrome congênita do vírus Zika: a perspectiva das famílias**, 2020

NELVO, R. V. Zika: Do sertão nordestino à ameaça global. 1ªed. Rio de Janeiro: civilização brasileira. **Revista Latinoamericana**. 24: 246-254, 2016

NETTO, A. R. SOUZA, A. M. Reforma do setor de saúde e controle da tuberculose no Brasil. **Informe Epidemiológico do SUS**. vol. 8, n. 4 Brasília dez.1999

ORNELL, F. et al. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, 2020

PAIM, J. et al. The brazilian health system: history, advances, and challenges. **The Lancet**. 377: 1778–972011 May, 2011

PALACIUS, R. MATHIAS, A. **Aprendendo com programas combinados de prevenção do HIV para enfrentar a pandemia emergente de Covid-19**, 2020

REZENDE, J. M. Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. **Revista de patologia tropical**. vol. 27, n. 1, 1998

SENHORAS, E. M. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. **Boletim de conjuntura**, 2020

SILVA, P. F. MOURA, G. S. CALDAS, A. J. M. Fatores associados ao abandono do tratamento da tuberculose pulmonar no Maranhão, Brasil, nos períodos de 2001 a 2010. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v.30, n. 8, p.1745-1754, 2014

SOUZA, C. C. M. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. **História, ciência, saúde** – Manguinhos, :15 (4) 945-972, 2008.

XIONG, J. et al. Impact of COVID-19 pandemic on mental health in the general population: a systematic review. **Journal of Affective Disorders**. 277: 55–64 , 1 december, 2020

WEISS, R.A. HIV and Aids: looking ahead. **Nature Medicine**, v.9, n.7, p.887-91, 2003